

ANC

A - 2 — OPINIÃO — Sexta-feira, 18 de março de 1988

# FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

Publicado desde 1921

Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

**Diretor de Redação:** Otavio Frias Filho

**Conselho Editorial:** Boris Casoy, Luiz Alberto Bahia, Rogério César de Cerqueira Leite, Osvaldo Peralva, Marcelo Coelho, Roberto Macedo, Carlos Alberto Longo e Otavio Frias Filho (secretário)

(ANC)

## Sarney e os militares

A sequência de pronunciamentos militares a favor dos cinco anos para o presidente Sarney vem revestida de uma ênfase que o compromisso, também reiterado, de acatar as decisões do Congresso constituinte não tem obtido até aqui. Que ministros militares se manifestem a respeito de questões eminentemente políticas, como a duração do mandato e o regime de governo, é algo que se pode explicar —mas de modo nenhum aplaudir— pelo fato de exercerem um cargo de confiança na atual administração.

Menos do que uma atitude autônoma das Forças Armadas quanto a um problema que cabe exclusivamente ao poder civil, o que parece revelar-se no momento é a tática desesperada e inaceitável do presidente Sarney de recorrer a seus ministros para criar um clima de intimidação, ameaça velada e condicionamentos institucionais sobre a votação de seu mandato. Não há setor expressivo da sociedade disposto a solicitar uma tutela das Forças Armadas sobre as decisões constitucionais. Não provêm dos setores militares, por sua vez, iniciativas no sentido de reencetar aventuras políticas que prejudicassem o desenvolvimento profissional das Forças Armadas e tumultuassem o exercício do papel constitucional que lhes é atribuído.

É o empenho personalista, injustificável e mesquinho do presidente Sarney que —das retaliações aos governos estaduais às “listas negras” que orientam sua ação administrativa;

do comércio fisiológico de cargos e concessões de emissoras de rádio e TV à série de ameaças retóricas, golpes de desinformação e prognósticos artificialmente sombrios a respeito do novo texto constitucional— surge agora como o fator determinante da série de advertências sobre a inconveniência de eleições em 88. Os sucessivos encontros do presidente Sarney com seus ministros militares, conforme noticiado ontem pela **Folha**, não têm outro significado senão o de solicitar, junto a seus auxiliares fardados, o apoio que a sociedade não oferece para uma postulação visivelmente pessoal.

Já é bastante deprimente assistir o espetáculo de despreparo, histeria, fisiologismo e incompetência que o Planalto vem oferecendo com sua estratégia continuísta. Mas o mais grave, o mais condenável, o mais tacanho e subdesenvolvido é que esta estratégia chegue à irresponsabilidade de traduzir-se na insistência com que o presidente Sarney recorre a pronunciamentos de ministros militares para fortalecer sua situação política. Reedita-se, no próprio centro do poder civil, uma nova versão da antiga tática das chamadas “vivandeiras de quartel”. Não se tinha notícia, desde os tempos de João Goulart, de semelhante aventureirismo e irresponsabilidade. A isto vai conduzindo, entretanto, o projeto melancólico de um presidente que, incapaz de visão histórica e de respeito aos próprios compromissos, lança-se num plano de tumulto, desinformação e ameaça política para manter-se no poder.